

**A SOMBRA E O MAL  
NOS CONTOS DE FADA**

**Coordenação:** Dra. Maria Elci Spaccaquerche  
Dr. Léon Bonaventure

#### **O autoconhecimento e a dimensão social**

- *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, Anônimo
- *Encontros de psicologia analítica*, Maria Elci Spaccaquerche (org.)
- *A família em foco: sob as lentes do cinema*, Marfiza Terezinha Ramalho Reis; Maria Elci Spaccaquerche (orgs.)
- *Jung, o médico da alma*, Viviane Thibaudier

#### **Contos de fadas e histórias mitológicas**

- *A individuação nos contos de fada*, Marie-Louise von Franz
- *A sombra e o mal nos contos de fada*, Marie-Louise von Franz
- *A interpretação dos contos de fada*, Marie-Louise von Franz
- *O que conta o conto?*, Jette Bonaventure
- *O gato: um conto da redenção feminina*, Marie-Louise von Franz
- *Mitologemas: encarnações do mundo invisível*, James Hollis
- *A ansiedade e formas de lidar com ela nos contos de fadas*, Verena Kast (ebook)

#### **Corpo e a dimensão fisiopsíquica**

- *Corpo poético O movimento expressivo em C. G. Jung e R. Laban*, Vera Lucia Paes de Almeida (ebook)
- *Dioniso no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo*, Rafael Lopez Pedraza
- *Medicina arquetípica*, A. J. Ziegler
- *Presença no corpo: eutonia e psicologia analítica*, Marcel Gaumond

#### **O feminino**

- *Os mistérios da mulher*, Mary E. Harding
- *A prostituta sagrada*, Nancy Qualls-Corbett
- *As deusas e a mulher*, Jean Shinoda Bolen
- *O medo do feminino*, Erich Neumann
- *O que conta o conto? (II): Variações sobre o tema mulher*, Jette Bonaventure
- *Liderança feminina: gestão, psicologia junguiana, espiritualidade e a jornada global através do purgatório*, Karin Jironet

#### **O masculino**

- *Sob a sombra de Saturno*, James Hollis
- *O pai e a psique*, Alberto Pereira Lima Filho
- *Os deuses e o homem*, Jean Shinoda Bolen

#### **Maturidade e envelhecimento**

- *A passagem do meio*, James Hollis
- *Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia*, Robert Stein
- *No meio da vida: uma perspectiva junguiana*, Murray Stein
- *Assombrações: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas*, James Hollis

#### **Psicologia e religião**

- *Uma busca interior em psicologia e religião*, James Hillman

#### **Psicoterapia, imagens e técnicas psicoterápicas**

- *Psiquiatria junguiana*, Heinrich Karl Fierz
- *Psicoterapia*, Marie-Louise Von Franz
- *O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*, Adolf Guggenbühl-Craig
- *O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte*, Gregg M. Furth
- *Saudades do paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo*, Mario Jacoby
- *O Mistério da conjunctio: imagem alquímica da individuação*, Edward F. Edinger
- *Psicoterapia junguiana e a pesquisa contemporânea com crianças: padrões básicos de intercâmbio emocional*, Mario Jacoby
- *Letras imaginativas: breves ensaios de psicologia arquetípica*, Marcus Quintaes
- *O mundo interior do trauma: Defesas arquetípicas do espírito pessoal*, Donald Kalsched (ebook)
- *O mundo interior do trauma: defesas arquetípicas do espírito pessoal*, Donald Kalsched
- *Compreensão e cura do trauma emocional*, Daniela F. Sieff

#### **O puer**

- *Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância*, Marie-Louise von Franz
- *O livro do puer: ensaios sobre o arquétipo do Puer Aeternus*, James Hillman

#### **Relacionamentos e parcerias**

- *Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino*, John A. Sanford
- *Eros e pathos: amor e sofrimento*, Aldo Carotenuto

#### **Sombra**

- *Mal, o lado sombrio da realidade*, John A. Sanford
- *Os pantanais da alma*, James Hollis

#### **Sonhos**

- *Os sonhos e a cura da alma*, John A. Sanford
- *Aprendendo com os sonhos*, Marion Rausch Gallbach
- *Como entender os sonhos*, Mary Ann Mattoon
- *Sonhos na psicologia junguiana: novas perspectivas no contexto brasileiro*, VV.AA.
- *Pã e o pesadelo*, James Hillman
- *A busca de sentido*, Marie-Louise von Franz
- *Breve curso sobre os sonhos*, Robert Bosnak

MARIE-LOUISE VON FRANZ

**A SOMBRA E O MAL  
NOS CONTOS DE FADA**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Von Franz, Marie-Louise, 1915-1998  
A sombra e o mal nos contos de fada / Marie-Louise Von Franz; tradução  
Maria Christina Penteadó Kujawski. - 2. ed. - São Paulo: Paulus, 2020.  
(Coleção Amor e psique)

ISBN 978-65-5562-117-4  
Título original: *Shadow and Evil in Fairytales*

1. Contos de fadas — Classificação 2. Contos de fadas — História e crítica 3. Simbolismo (Psicologia) I. Título II. Série

20-3514

CDD 398.21  
CDU 398.21

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Contos de fadas: Classificação: Literatura folclórica

Coleção AMOR e PSIQUE, coordenada por

*Dr. Léon Bonaventure, Dra. Maria Elci Spaccaquerche*

Título original: *Shadow and Evil in Fairytales*

Tradução: *Maria Christina Penteadó Kujawski*

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*

Capa: *Elisa Zuigeber*

Diagramação: *Eligelson Barroso*

Impressão e acabamento

PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos

e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**

Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

2ª edição, 2020

© PAULUS – 2020

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-117-4

## Introdução à coleção Amor e Psique

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de engendrar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, em vez de buscar causas, explicações psicopatológicas para nossas feridas e nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Desse modo é que poderemos reconhecer que essas feridas e esses sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e para a realização de nossa totalidade. Assim, a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e, depois, o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Essa perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões



diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entenderem novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.



## Esclarecimento

O texto deste livro foi extraído de duas séries de conferências realizadas por Marie-Louise von Franz no Instituto C. G. Jung de Zurique; a primeira, “O problema da sombra nos contos de fada”, durante o inverno de 1957, e a segunda, “Lidando com o mal nos contos de fada”, no inverno de 1964. O estilo coloquial de comunicação foi essencialmente mantido.

Somos gratos a Una Thomas pela transcrição dessas conferências.



**PRIMEIRA PARTE**

**O PROBLEMA DA SOMBRA  
NOS CONTOS DE FADA**



# 1

## A sombra e o conto de fada

Antes de entrarmos em contato com o nosso material, devemos precisar com clareza a definição de sombra em psicologia, pois ela pode variar bastante e não é tão simples como supomos. Geralmente, na psicologia junguiana, definimos sombra como a personificação de certos aspectos inconscientes da personalidade que poderiam ser acrescentados ao complexo do ego, mas que, por várias razões, não o são. Poderíamos, portanto, dizer que a sombra é a parte obscura, a parte não vivida e reprimida da estrutura do ego, mas isso é só parcialmente verdadeiro. Jung criticava seus alunos quando estes se apegavam aos seus conceitos de maneira literal, fazendo deles um sistema, e quando o citavam sem saber exatamente do que falavam. Numa discussão, acabou por dizer: “Isto não tem sentido, a sombra é simplesmente todo o inconsciente”. Acrescentou que tínhamos esquecido como essas coisas haviam sido descobertas e vividas pelo indivíduo e que sempre é preciso pensar na condição atual do paciente.

Se vocês tentarem explicar alguns processos não aparentes e inconscientes a alguém que não conhece nada de psicologia e inicia uma análise, isso é a sombra para ele. Assim, numa primeira etapa de abordagem do inconsciente, a sombra é simplesmente um nome “mitológico”, aquilo que me diz respeito, mas que não posso conhecer diretamente. Somente quando começamos a penetrar a esfera da sombra da personalidade, investigando seus diferentes aspectos, é que surge nos sonhos, depois de um certo tempo,

uma personificação do inconsciente, do mesmo sexo que o sonhador. Mas depois o paciente descobrirá que ainda existe, nessa área desconhecida, um outro tipo de reação chamada *anima* (ou *animus*), representando sentimentos, estados de espírito, ideias etc. Abordaremos também o conceito do *Self*. Por razões práticas, Jung não achou necessário se estender além dessas três etapas.

Muitas pessoas permanecem num impasse quando o problema não é apenas questão de teoria, mas de prática. Integrar a *anima* ou o *animus* é uma obra de arte e ninguém pode se vangloriar de tê-lo conseguido. Por isso, quando falamos de sombra, devemos ter bem explícita a situação pessoal do indivíduo em questão, inclusive seu nível específico de consciência e percepção interior. Assim, numa primeira fase, podemos dizer que a sombra é tudo aquilo que faz parte da pessoa, mas que ela desconhece. Geralmente, quando investigamos a sombra, descobrimos que consiste em parte de elementos pessoais e em parte de elementos coletivos. Praticamente, nesse primeiro contato, a sombra é apenas um conglomerado de aspectos em que não conseguimos definir o que é pessoal e o que é coletivo.

Exemplificando, digamos que uma pessoa tem pais de diferentes temperamentos, dos quais herdou algumas características que, por assim dizer, não se misturam bem quimicamente. Por exemplo, uma vez tive uma analisanda que herdou do pai um temperamento inflamável e brutal, e da mãe, uma grande suscetibilidade. Como poderia ela ser as duas pessoas ao mesmo tempo? Se alguém a contrariasse, ela se defrontava com duas reações opostas. Existem possibilidades opostas numa criança que não se harmonizam entre si. Geralmente, no decorrer de seu

desenvolvimento, uma escolha é feita, de modo que um lado fica mais ou menos consolidado. Sempre escolhendo uma qualidade e preferindo uma determinada atividade em detrimento de outra, por meio da educação e dos hábitos, estas acabam se tornando uma “segunda natureza”; as outras qualidades continuam a existir, só que debaixo do pano. A sombra se constrói a partir dessas qualidades reprimidas, não aceitas ou não admitidas porque incompatíveis com as que foram escolhidas. É relativamente fácil reconhecer esses elementos, e é isso que chamamos “tornar a sombra consciente”, por meio de uma certa dose de *insight*, com a ajuda de sonhos e assim por diante – e é normalmente nesse ponto que a análise é interrompida. Mas isso não significa o término de um trabalho, pois daí vem um problema muito mais difícil, diante do qual a maioria das pessoas encontra grande dificuldade: elas sabem o que é a sua sombra, mas não conseguem expressá-la ou integrá-la em suas vidas. Naturalmente, a mudança não agrada às pessoas de seu meio, pois isso significa que elas também têm que se readaptar. Uma família ficaria simplesmente furiosa se um membro até então doce e cordato de repente se tornasse agressivo, dizendo *não* às suas ordens. Isso conduz a muitas críticas, e o ego da pessoa em questão também se ressentido da situação. A integração da sombra poderá não dar certo e o problema chegará então a um impasse. É um ato de grande coragem enfrentar e aceitar uma qualidade que não nos é agradável, que se escolheu esconder por muitos anos. Mas se a pessoa decidir não aceitar, acabará sendo apanhada pelas costas. Uma parte do problema é enxergar e admitir a existência da sombra, constatar que alguma coisa aconteceu, que algo irrompeu; mas o grande problema ético

surge quando se decide expressar a sombra conscientemente. Isso requer grande cuidado e reflexão, para que não se produza uma reação perturbadora. Gostaria de lhes dar um exemplo disso.

Pessoas do tipo sentimento estão sempre prontas a serem cruéis e mesquinhas ao julgar seus amigos. Por um lado, se sentem bem com as pessoas, mas, por dentro e por trás, são capazes de ter pensamentos e julgamentos extremamente negativos a seu respeito. Outro dia, eu estava num hotel com uma pessoa do tipo sentimento. Eu sou do tipo pensamento, e acontece que estava com uma tremenda pressa quando a avistei, de modo que apenas a cumprimentei rapidamente. Daí ela achou que eu a odiava, que estava furiosa com ela e que não queria passar o dia em sua companhia, que eu era uma pessoa fria e insociável etc. De repente, o tipo sentimento passou a ter pensamentos negativos, com toda uma explicação para o fato de eu tê-la cumprimentado apressadamente.

No estágio inicial, a sombra é todo o inconsciente – um acúmulo de emoções, julgamentos e assim por diante. Vocês poderiam achar que minha amiga foi envolvida pelo pensamento negativo do *animus* – mas o que aconteceu realmente foi uma explosão de pensamentos negativos (neste caso, a função inferior), emoção brutal (sombra) e alguns julgamentos destrutivos (neste caso, o *animus*). Se estudarem essas explosões negativas, vocês poderão distinguir entre a figura que chamamos de sombra e a faculdade de julgamento que na mulher chamamos de *animus*. Depois de um certo tempo, as pessoas descobrem essas qualidades negativas em si mesmas e conseguem não apenas vê-las, mas expressá-las, o que significa abdicar de certas idealizações e padrões. Isso acarreta sérias considerações e uma boa dose de

reflexão, caso a pessoa em questão não queira ter uma ação destrutiva sobre as coisas que a cercam. Então, visto que podemos descobrir nos sonhos elementos que parecem não ser pessoais, dizemos que a sombra consiste em parte de material pessoal e em parte de material impessoal e coletivo.

Todas as civilizações, mas especialmente a cristã, têm sua própria sombra. Essa é uma afirmação banal, mas, se vocês estudarem outras civilizações, verão em que ponto elas são melhores que a nossa. Na Índia, por exemplo, as pessoas estão na nossa frente no que diz respeito ao desenvolvimento espiritual e filosófico em geral, mas seu comportamento social nos choca. Se andarem pelas ruas de Bengala, verão um grande número de pessoas obviamente morrendo de fome; elas estão *in extremis* e ninguém se importa com isso, pois esse é o seu *karma* – cada um deve se preocupar consigo mesmo, com a sua própria salvação; importar-se com o outro significaria simplesmente entrar em considerações terrenas. Para nós, europeus, essa atitude social estraga tudo, pois é revoltante ver gente morrendo de fome e ignorar o fato. Chamariamos a essa condição de sombra da civilização hindu; sua extroversão está abaixo do limite, e sua introversão, acima. Poderia ser que o lado luminoso não tivesse consciência do lado sombrio, o que é óbvio para uma outra civilização.

Se alguém vivesse sozinho, seria praticamente impossível perceber sua própria sombra, pois não haveria ninguém para lhe dizer qual seria a sua imagem. É preciso um espectador. Se levarmos em consideração a reação do espectador, poderemos falar da sombra de diferentes civilizações. Por exemplo, muitos orientais acham que nossa atitude coletiva é completamente inconsciente com relação a certos fatos